



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Danilo Medeiros Gazzotti¹

A legitimação de Constantino III a partir do conflito contra vândalos, alanos e suevos na Diocésis Hispaniarum: os testemunhos de Orósio e Idácio

La legitimación de Constantino III a partir del conflicto contra vándalos,
alanos y suevos en la Diocésis Hispaniarum: los testimonios de Orosio e
Idácio

Resumo:

No presente artigo pretendemos discorrer sobre as relações entre o processo de legitimação imperial do usurpador Constantino III e a entrada das *gentes bárbaras* na Península Ibérica no início do século V. Em nossa opinião estes dois acontecimentos estão intrinsecamente ligados, pois em nossa visão essas *gentes bárbaras* que adentraram na *Diocésis Hispaniarum* buscavam também o reconhecimento de sua autoridade através de um acordo com um alto oficial do usurpador, Gerônimo. Para alcançar nosso objetivo vamos utilizar o testemunho de dois autores contemporâneos desses acontecimentos: Paulo Orósio e Idácio de Chaves.

Palavras-chave:

Suevos; Paulo Orosio; Idácio de Chaves.

Resumen:

En este estudio pretendemos discurrir sobre las relaciones existentes entre el proceso de legitimación imperial del usurpador Constantino III y el ingreso de las *gentes barbaras* en la Península Ibérica en los comienzos del siglo V. En nuestra opinión estos dos acontecimientos están interrelacionados, pues esas *gentes bárbaras* que adentraron en la *Diocesis Hispaniarum* buscaban, también, el reconocimiento de su autoridad a través del establecimiento de un acuerdo con el lugar teniente del usurpador, Geroncio. Para alcanzar nuestro objetivo vamos utilizar los testimonios de dos autores contemporáneos de los hechos: Paulo Orósio e Hidácio de Chaves.

Palabras-Clave:

Suevos; Paulo Orósio; Hidácio de Chaves.

¹ Mestrando em História UFPR - Bolsista CNPq - Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos/ NEMED e do Grupo do Laboratório de Estudos do Império Romano/GLEIR.

Existem diversas hipóteses sobre essa questão do estabelecimento das *gentes bárbaras*² na Península Ibérica no início da quinta centúria. Primeiramente cremos que essa irrupção bárbara em territórios hispanos resultou-se de uma disputa pela legitimação imperial do usurpador Constantino III perante as autoridades imperiais de Ravena, centradas na figura do imperador do Ocidente, Honório.

Para García Moreno (1989: 40-41) com a evacuação das tropas romanas da Bretanha ordenada por Estilício em 402, os grupos dirigentes dessa região sentiram-se desprestigiados pelo governo de Ravena. Temerosos de se verem completamente isolados do resto do continente, em um momento em que o mundo romano sofria com as penetrações dos povos germânicos, estes grupos começaram a manobrar para impor um imperador que fosse de sua região e que com isso pudesse atender melhor e mais diretamente a sua defesa e garantisse a necessária conexão com centros de governo do Império.

Ainda segundo o mesmo, depois de algumas tentativas frustradas em 405 e 406, finalmente esses grupos conseguem eleger um militar de nome Constantino. Este após o reconhecimento de seu poder na Bretanha se apressa a passar ao continente. Agora com o nome de Constantino III, o mesmo, desembarca em Boulogne e começa o processo para ser reconhecido pelo exército romano estabelecido nas Gálias. De acordo com Moreno, por volta e maio de 408, Constantino III, tinha logrado êxito em penetrar na capital da Prefeitura de Arles.

Em nossa visão a usurpação de Constantino III assim como as demais que ocorreram nesse período são frutos da lenta e paulatina desestruturação da administração romana no Ocidente. As Dioceses da Bretanha, da Gália e da Península Ibérica estavam insatisfeitas com administração romana, que na maioria das vezes só era eficiente para cobrar impostos da população e não garantia sua defesa contra seus potenciais inimigos. É nesse momento que líderes locais, como Constantino III, ganham apoio entre as elites dessas regiões.

De acordo com García Moreno (1989: 41) Constantino III tinha seu poder legitimado nas *Diocésis* Britânica e da Gália e queria ver seu poder reconhecido também na *Hispaniarum*. Entretanto, segundo o mesmo, temendo um ataque de Honório, Constantino III, tinha uma razão suplementar para

² Utilizamos o termo *bárbaro* livre de juízos de valor, apenas para delimitar que os mesmos são vistos pelos romanos como estrangeiros.

dominar a Hispania. A invasão de seu governo pelas tropas dessa região, leis a Honório, poderiam colocá-lo em uma difícilíssima posição militar, pois teria que enfrentar duas frentes de batalha.

Segundo Javier Arce (1982: 152) a *Diocésis Hispaniarum* estava neste momento dividida em dois grupos. Os que aceitaram a usurpação, talvez porque estavam insatisfeitos com a administração de Honório e seu círculo familiar, e uma parte que ainda era leal a corte de Ravena, que entretanto tomavam essa posição apenas por interesses pessoais. Ainda segundo Arce, os que mantiveram sua fidelidade a Ravena afirmavam que só aceitariam o *imperator iustus* e que pretendiam salvar a região dos *bárbaros*.

Segundo Orósio, Constantino III se associa aos *bárbaros* que nesse momento estão assentados na Gália e enfrentam essa resistência na Hispania:

“Por outra parte, a outros povos, irresistíveis por suas tropas e recursos, povos que nesse momento oprimiam as províncias das Gálias e das Hispanias, concretamente os alanos, vândalos e suevos e também os borgoñones que se viram arrastados por próprias iniciativas as armas, os sublevaram; com isso, estes povos perderam ao mesmo tempo o medo que tinham do nome de Roma” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 38).

“Entretanto, as tribos dos alanos, dos suevos, e dos vândalos e muitas outras, excitadas, como disse, por Estilício³ dois anos antes do saque de Roma, arrasam os francos, passam o Reno, invadem as Gálias e, em uma incursão sem rodeios, chegam até o Pirineu. Detidos temporariamente em cima desta cordilheira se espalham pelas províncias próximas” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 40).

“Enquanto estes fazem correrias pelas Gálias, na Britania é nomeado ilegalmente imperador e imediatamente assassinado Graciano, habitante desta mesma ilha. Em seu lugar é elegido, só por a esperança que seu nome infundia e não por seus valores, um tal de Constantino, homem de classe militar muito baixa; este enganado pelos bárbaros com pactos pouco seguros, não fez outra coisa senão dano ao *estado*” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 40).

³ Sempre que menciona Estilício em sua Obra, Orósio, o faz de uma maneira negativa. Provavelmente pelo mesmo ter uma origem não-romana, provavelmente vândala, o que o fazia na ótica de Orósio uma pessoa indigna para ocupar um cargo de *magister militum* no Mundo Romano.

Nesse momento dois irmãos nobres e ricos chamados Dídimo e Veriniano, parentes de Honório, tentaram resistir a essa invasão de Constantino III. Primeiramente as legiões estabelecidas na guarnição lusitana tentaram recrutar um exército de escravos e camponeses de suas propriedades. Devido à posição favorável de Dídimo e Veriniano frente a Honório, o último enviou algumas tropas para ajudá-los na defesa da região, entretanto a irrupção dos godos liderados por Alarico na Península Itálica impediu que outras tropas imperiais pudessem reforçar a resistência na *Hispania*.

Segundo Díaz Martínez (2011: 49-50) os testemunhos de Zósimo, Olympiodoro e Sozomeno dão a entender que Dídimo e Veridiano aliados com outros irmãos seus, Theodosiolo e Lagodio, estavam à frente das províncias hispanas e Constantino III temia que o atacassem ali, e ao mesmo tempo as tropas de Honório vindas da Itália.

Constantino III nomeia então seu filho Constante como César e o envia a *Hispania*, e este último nomeia seus próprios governadores e ordena a prisão de Dídimo e Veridiano. Com estes presos, seus outros irmãos fogem, Theodosiolo para a Itália junto de Honório e Lagodio para o Oriente para a corte de Teodósio II. Dídimo e Veridiano são levados ante a presença de Constantino III e são executados. De acordo com Orósio:

“Contra eles Constantino enviou as Hispanias seu filho Constante, convertido - Oh dor! - de monge em César; sobre seu comando pôs alguns bárbaros, os quais aceitos em aliança em outro tempo e chamados inclusive ao exército, os conhecia pelo nome de *honoriacos*” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 40).

Díaz Martínez (2011: 50) nos informa que é difícil saber o papel exato que esses dois nobres, parentes de Honório, desempenharam, pois não tinham nenhum cargo administrativo no império e por isso não podem ser considerados representantes de um poder legal. Entretanto é estranho que tenham podido utilizar em sua resistência um grupo de legiões, sendo o uso dessa força autorizado somente para os detentores de algum cargo administrativo no Império Romano. Uma possível explicação de Martínez para a questão é que as fontes não fazem referência a que tipo de corpo de exército pertenciam essas tropas, podendo ser apenas guarnições urbanas montadas recentemente para serem utilizadas na defesa provincial.

José Orlandis (1987: 23) chama a atenção para o fato de que fora apenas um exército de soldados privados e o de mercenários de Constantino

III, os únicos que aparecem nas fronteiras da Hispania nesse momento de críticas circunstanciais. Segundo o mesmo a falta de referência em outras fontes das unidades romanas, acantonadas na Hispania mencionadas pela *Notitia Dignitatum*, parece uma confirmação da escassa consistência real que tinham essas pretendidas legiões e coortes.

Nossa opinião vai ao encontro com as ideias de Orlandis e Diaz Martínez, pois acreditamos que essas tropas, que foram utilizadas na defesa da Península Ibérica, eram mais hostes pertencentes a família de Honório do que legiões propriamente ditas.

Após a execução dos dois nobres parentes de Honório a autoridade imperial é imediatamente substituída pela autoridade de Constantino III. Os magistrados enviados pelo usurpador foram recebidos com obediência na província.

Diaz Martínez (2008: 276-277) nos informa, que esse processo de enfrentamento entre os grupos romanos, sem dúvida reduziu a capacidade das províncias hispanas para fazer frente aos *bárbaros*, que nesse momento ocupavam a Gália.

Ao se estabelecer nas *Hispanias* Constante estabelece todo um aparato administrativo para que pudesse realizar suas funções de César e conseguir gerir todas a *Diocesis Hispaniarum*. Acompanhando Constante em seu governo estavam um general de nome Gerôncio, um prefeito do pretório chamado Apolinar e um *magister officiorum* de nome Décimo Rústico. Além disso Constante levava às *Hispanias* algumas tropas bárbaras que foram integradas em seu exército e que o auxiliaram na prisão de Dídimo e Veridiano. Orósio cita estas tropas em seus escritos, além de mencionar que elas tiveram uma recompensa por seus serviços:

“A raiz destes acontecimentos tem lugar em primeiro passo para as ruínas das Hispanias. Em efeito, para tentar matar aqueles dois irmãos que pretendiam defender com suas forças privadas a cordilheira dos Pirineus, estes bárbaros receberam em primeiro lugar, como prêmio para a vitória, permissão para saquear as planícies de Palencia, e, em segundo lugar, foram encarregados da vigilância do citado monte e seus desfiladeiros, colocando de aqui e ali a fiel e útil guarnição composta de camponeses”
(*Hist. Adv. Pag.*, VII; 40).

De acordo com Diaz Martinez (2011: 50) essas tropas *bárbaras* foram deixadas por Constante ao comando do general Gerônimo e encarregadas pelo mesmo de fazerem a defesa do território recém-conquistado. As tropas tradicionalmente encarregadas apelaram da decisão, afirmando que poderiam continuar fazendo seu ofício e que não seria necessário deixar a defesa da região nas mãos de estrangeiros, mas a intervenção foi rejeitada pelo governo de Constante, pois o mesmo tinha dúvidas se as tropas regulares tinham sua fidelidade ou com o governo de Ravena.

Segundo Javier Arce (1982: 155) Gerônimo era originário da Britânia e considerado o melhor general de Constantino III. Gozava de toda a confiança do usurpador e tinha sua valentia e experiência na guerra respeitada por todos, além disso seu prestígio com as tropas era indubitável, apesar da dureza com que as tratava.

Entretanto a partir do momento em que Constantino III confia suas tropas a Gerônimo sua administração tem uma reviravolta drástica. O último realiza um levante entre as *gentes* bárbaras, nesse momento estabelecidas na Gália, contra o imperador usurpador.

Não sabemos exatamente como esse acordo ocorreu, pois a história não nos legou fontes que os mencionam⁴, entretanto acreditamos que esses povos assentados na Gália, buscavam um lugar para se estabelecer definitivamente. Para eles a figura imperial não seria representada pelo governo oficial em Ravena ou mesmo pela figura do Usurpador Constantino III. Essa figura imperial seria vista na pessoa do próprio general Gerônimo, por ser um administrador local e um personagem mais próximo deles.

Roger Colins (2004: 03-04) nos fornece algumas informações de onde vieram esses povos que nesse momento estavam assentados na Gália. Segundo o mesmo esses povos se dividiam principalmente por três elementos étnicos diferentes: os alanos, os vândalos e os suevos. Os vândalos eram divididos em silingos e asdingos e os romanos acreditavam que os dois, assim como os suevos, eram povos germânicos que tinham suas origens nas terras situadas a leste do Reno.

Sobre os alanos Colins nos informa que eram uma povo da estepe de origem iraniana, e se encontravam principalmente na zona do norte do Cáucaso e no curso inferior do rio Don nos séculos III e IV. Esse autor supõe

⁴ Para autores como Idácio e Orósio a legitimidade dos tratados e pactos reside no poder da figura imperial legítima, ou seja, Honório. Dificilmente estes autores anotariam e reconheceriam em suas obras tratados feitos por usurpadores que não reconheciam.

que alguns deles fugiram para o oeste com a chegada dos hunos nas margens dos Cárpatos em 370. Alguns deles teriam se tornado súditos dos hunos e outros teriam adentrado em território romano. Esses alanos que entraram no território romano teriam se associado aos vândalos e suevos na margem oriental do rio Reno no final de 406, entretanto não temos informações de como ocorreu essa associação.

Ainda segundo Collins (2004: 04) no inverno de 406 esses três povos teriam cruzado o Reno e entrado no território romano, apesar de encontrarem uma pequena resistência dos francos, então aliados dos romanos. Depois de moverem-se durante três anos pelo território da Gália, praticamente sem resistência, esses povos alcançaram os Pirineus.

Acreditamos então que esses três povos assentados na Gália fizeram uma espécie de acordo com Gerônimo, o qual em troca de seu apoio militar, lhes designaria um *regnum*, uma autoridade que só pode ser delegada pelo portador do *imperium*, e também um local para poderem se fixar definitivamente.

Em nossa visão as *gentes bárbaras* em vez de tentarem estabelecer um acordo com o centro da administração romana situado em Ravena ou com o usurpador Constantino III preferiram fazer um tratado com Gerônimo, que era o personagem político do mundo romano com o qual tinham uma maior proximidade. Essa questão ressalta, em nossa opinião, uma preferência desses *bárbaros* em realizar um acordo com um centro de poder regional, em vez de negociar com o poder imperial.

Constantino III temendo essa associação entre Gerônimo e as tribos *bárbaras* assentadas na Gália, envia novamente seu filho Constante à Hispania, agora acompanhado de um novo comandante militar, Justo, provavelmente com a intenção de derrotar e substituir Gerônimo.

É nesse momento, no outono de 409, que alanos, vândalos, suevos e outras pequenas tribos associadas aos mesmos saem da Gália e penetram através dos Pirineus e adentram na Hispania. Orósio e Idácio narram esta irrupção bárbara na Península Ibérica em suas obras.

“A consequência foi que os *honorarios* empapados com o grande botim e bajulados por sua abundância, ao ser concedida, para seus crimes foram mais impunes e tiveram mais liberdade para os próprios crimes, a custódia do Pirineu e abrem assim seus desfiladeiros, deixaram entrar nas províncias hispanas a todos os

A legitimação de Constantino III a partir do conflito contra vândalos, alanos e suevos na Diocésis Hispaniarum: os testemunhos de Orósio e Idácio
www.revistarodadafortuna.com

povos que ali andavam pelas Gálias, e se uniram eles mesmos a estes; e ali, fazendo de vez em quando importantes e sangrentas correrias, permanecem ainda como donos, depois de repartirem a sorte, uma vez que fizeram cruéis barricadas de bens e pessoas, do qual eles mesmos ainda se arrependem” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 40).

“Alanos, Vandalos e Suevos entram nas Hispanias na era 447. Uns a colocam no dia 28, outros dia 12 de outubro, terça, no ano VIII do consulado de Honório, e o III de Teodósio, filho de Arcádio” (*Idácio; cron. a.409-XV. [206]*)

Díaz Martínez (2001: 52) afirma que tudo sugere que essa irrupção *bárbara* na Hispania se associa com uma manobra de Gerônimo que tentava fazer frente à Constante e seu comandante Justo. Segundo o mesmo essa interpretação na qual os *bárbaros* são utilizados como arma em uma guerra civil, se pode associar com a notícia de Olympiodoro e Sozomeno que afirmam que alanos, vândalos e suevos aproveitam o colapso por trás do poder de Constantino III para se apropriar de cidade e fortes na Gália e na Hispania, assim como de oficiais do Usurpador. Essa seria inclusive uma explicação mais plausível do que a que afirma que os *bárbaros* entraram na Península Ibérica atrás de recursos que haviam acabado na Gália.

Segundo Javier Arce (1982: 155) todos estes acontecimentos e sua correta interpretação são essenciais para entender o significado da penetração dos povos bárbaros na Península Ibérica no ano de 409. Segundo o mesmo nós devemos empregar a palavra penetração, em um sentido de consentida ou *pactada*, ao invés da palavra invasão, pois o centro de tudo isso se encontra na figura do general Gerônimo e seus interesses.

De acordo com García Moreno (1989: 43) em troca do apoio militar que deveriam prestar a Gerônimo e Máximo frente a Constantino e seu filho, se permitiu a entrada nas Hispanias desse perigoso e potente contingente bárbaro.

Ainda de acordo com Arce (1982: 158) nesse momento a *Diocesis Hispaniarum* se converte em um cenário de uma guerra civil entre dois grupos opostos dentre dos próprios habitantes peninsulares, os partidários de Gerônimo e os de Constantino III, sem nos esquecer dos que ainda são leais a Honório. Arce também frisa que nesse momento o centro do problema está em Gerônimo e seu papel político decisivo.

Após narrar a entrada desses povos na Península Ibérica Orósio e Idácio narram também as consequências dessa irrupção *bárbara* nos territórios

hispanos, frisando sempre o sofrimento que a mesma trouxe para a população hispano-romano, chegando Idácio a compará-la com a chegada dos quatro cavaleiros do apocalipse bíblico.

“Esta seria uma boa ocasião para dizer muitas coisas sobre feitos deste tipo, se não fora porque na mente de todos e de cada um dos homens fala sua secreta consciência. Foram invadidas as Hispanias; que sofreram matanças e roubos: em verdade que não se trata de nada novo, já que durante estes anos em que as armas inimigas atuaram com crueldade, os hispanos sofreram nas mãos dos bárbaros o que sofreram duzentos anos nas mãos dos romanos, e o que aguentaram inclusive, na época do imperador Galieno, durante quase doze anos uma invasão dos germanos” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 41).

“Os bárbaros que haviam entrando nas hispanias, devastam e assassinam em qualidade de inimigos. A peste por sua parte cumpre ao menos ativamente seu papel devastador. Com a devastação descomedida dos bárbaros na Espanha se encena a vez o mal da peste, o tirânico arrecadador que vai arrebatando as riquezas e bens guardados nas cidades, e os soldados se esgotam.; estende-se a fome cruel, até o extremo de que os homens comem carne humana obrigados pela fome, inclusive mães comem os corpos de seus filhos mortos ou cozidos por elas. As bestas acostumam-se aos cadáveres dos mortos pela espada, a fome ou a peste, acabam com os homens mais fortes, e *cebadas* com suas carnes se lançam a destruição da raça humana. E assim com as quatro pragas, da espada, da fome, da peste, das feras, que se espalham por toda orbe, se cumprem as predições anunciadas pelo Senhor por meio de seus profetas” (*Idácio; cron. a.410- XVI [220]*).

Diaz Martínez (2008: 276) nos diz que neste trecho, Idácio, faz uma recriação do Apocalipse, mas acompanhado de informações concretas e somado a este contexto de sofrimento com as invasões lamenta que as riquezas das cidades eram recolhidas pelos coletores de impostos e consumidas pelos soldados.

Roger Collins (2004: 06) nos informa que nesse episódio os *bárbaros* apropriaram-se da maioria dos alimentos disponíveis e deixaram os habitantes da península em um estado de inanição.

De acordo com Diaz Martínez (2011: 53) nesse quadro narrado por Idácio e Orósio, os povos *bárbaros* saquearam a *Diocesis Hispaniarum* ao lado

dos *honoriaci* enfrentando as tropas de Constantino III e os grupos remanescentes ainda leais ao governo de Ravena.

Em nossa visão nesse trecho Idácio deixa claro sua insatisfação com a administração romana na Península Ibérica, a qual não foi capaz de defender a região dos *bárbaros*, porém era eficaz em cobrar impostos de sua população, deixando-a ainda mais na miséria. É a partir desse momento, em nossa opinião, que Idácio começa a criticar a administração romana, dando indícios de que talvez a região fosse melhor administrada se tivesse uma certa autonomia diante do Mundo Romano.

Diaz Martinez (2011: 53-54) afirma que após a entrada desses povos na Diocesis Hispaniarum, a mesma é dividida entre eles. Os vândalos asdingos ocuparam a *Gallaecia*. Os suevos ocuparam a mesma província, mas se estabelecem mais próximos do mar no *conuentus* de *Lucus* e de *Bracara*, que seriam as atuais Galícia e norte de Portugal, já os vândalos ocuparam a região de Meseta, ao norte da Península Ibérica, o *conuentus* de *Clunia* e de *Asturica*, apesar de que o *conuentus* asturiense poderia também ser dos suevos. Os alanos se estabeleceram na *Lusitania* e na *Cartaginense*, já os vândalos silingos ocuparam a *Bética*. Segundo o mesmo é difícil estabelecer os critérios para essa repartição do território hispano, se a mesma obedeceu à força demográfica ou militar desses grupos ou se foi meramente aleatória. Entretanto na opinião de Idácio, essa ocupação foi aleatória:

“Ante os transtornos das províncias da Hispania com a invasão das citadas pragas, os bárbaros se movem pela misericórdia do Senhor a estabelecer a paz, e se distribuem por sorte as regiões da província para assentar-se nelas. Os Vândalos ocupam a *Gallaecia* e os Suevos sua parte ocidental situada no extremo do mar oceânico. Os Alanos ocupam a *Lusitania* e a *Cartaginense* e os Vândalos chamados Silingos ficam com a *Bética*. Os hispanos que ficam com as pragas, por cidades e castelos, se submetem como escravos aos bárbaros que dominam as províncias” (*Idácio; cron. a.411- XVII [241]*).

Segundo Orlandis (1987: 26) a *Terraconense* e a porção oriental da província da *Cartaginense* ficaram livres da presença de *bárbaros*, porque a maior parte da costa mediterrânica da Península seguia em mãos romanas.

Para Jorge Quiroga e Mónica Lovelle (1995-96: 423) suevos e vândalos dividiram a *Gallaecia*, sendo que os vândalos teriam se instalado entre a cordilheira Cantábrica e o rio Minho e rio Sil; entretanto os suevos ocuparam

o espaço entre os rios Minho e Sil e o rio Douro e ,mas precisamente, na atual região portuguesa entre o Douro e o Minho.

Diaz Martinez (2011: 53) menciona que após essa irrupção dos povos *bárbaros*, Gerônimo nomeia como *augustus* um hispano-romano chamado Máximo e o deixa como homem de confiança na Hispania, enquanto vai atacar Constante na Gália.

Entretanto, de acordo com Collins (2004: 07) durante o inverno de 410 e 411 os visigodos se retiraram da Itália, e como consequência disso tivemos a liberação dos exércitos de Honório para tentar reestabelecer o domínio da corte de Ravena na Gália. Esse domínio foi estabelecido com muita rapidez, pois em 411 o exército imperial acaba com as forças de Constantino III em Arles e este último teve que render-se a Honório, sendo mandado para execução.

Nesse mesmo período Gerônimo vence Constante em Vienne, mas após essa vitória o mesmo acabou tendo problemas com suas tropas que deserdaram, segundo Arce (1982: 161) para unirem-se à tropa do *magister utriusque militiae* de Honório, Constancio. Por isso Gerônimo foi obrigado a fugir rapidamente para a Hispania. Depois de uma nova revolta de seus homens na Hispania foi cercado pelos mesmos em sua casa e acabou por suicidar-se.

De acordo com Collins (2004: 07) após a morte de Gerônimo, Máximo foi destituído de suas funções e foi obrigado refugiar-se com seus aliados alanos e vândalos. Orósio e Idácio narram estes acontecimentos em suas obras:

“No ano de 1165 de fundação da cidade o imperador Honório, vendo que com a oposição de tantos usurpadores não podia fazer nada contra os bárbaros, ordena antes de nada destruir aos próprios usurpadores. É confiado o peso dessa guerra ao *comes* Constancio. Roma se deu conta por fim da enorme utilidade que havia encontrado em um general romano e do enorme prejuízo que haviam até agora os generais bárbaros sobre cujo mando haviam estado. E é que o *comes* Constancio, marchando a Gália com o exército cercou, capturou e executou o imperador Constantino na cidade de Arles” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 42).

“A partir desse momento - por falar o mais brevemente possível da lista de usurpadores - Gerônimo, tenente de Constante, o filho de Constantino, homem malvado mais que honrado, assassinou

em Viena ao próprio Constante, e pôs em seu lugar Máximo. O próprio Gerônimo foi assassinado por seus soldados. Máximo, despojado da púrpura é destituído pelos soldados galos, que depois de ter sido trasladado por ele a África, foram chamados de novo a Itália, vive⁵ agora desterrado e na miséria na Hispania, entre os bárbaros” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 42).

“Constantino, três anos depois de invadir ilegitimamente o poder, é morto pelo general de Honório, Constancio, nas Gálias” (*Idácio; cron. a.411- XVII [254]*).

Após este estabelecimento na *Diocesis Hispaniarum* cheio de massacres e pilhagens pelos alanos, vândalos e suevos, Orósio narra que aos poucos estes povos começam a se acalmar e a buscar a paz com os hispano-romanos.

“Apesar de isto ser assim, sem dúvida, a clemência de Deus, com o mesmo amor paternal com que faz já tempo o prevê, procurou que, de acordo com seu evangelho, em o que incessantemente admoestava: quando os perseguiram de uma cidade a outra, todo aquele que quisera fugir e marchar da Hispania, pode servir-se dos próprios bárbaros como mercenários, ajudantes ou defensores. Os próprios bárbaros se ofereciam então voluntariamente para eles; e, apesar de que podiam ter ficado matando a todos os hispanos, pediam só um pequeno tributo como pagamento por seu serviço e como taxa para cada pessoa que exportava Arles” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 41).

“Apesar de tudo isso, imediatamente depois destes feitos, os bárbaros, depreciando as armas, se dedicaram a agricultura e respeitaram os romanos que ficaram ali pouco menos que como aliados e amigos, de forma que já entre eles há alguns cidadãos romanos que preferem suportar liberdade com pobreza entre os bárbaros que preocupação por tributos entre os romanos” (*Hist. Adv. Pag.*, VII; 41).

Nesse testemunho de Orósio podemos perceber que os povos que adentraram na Península Ibérica em 409 vão aos poucos estabelecendo boas relações com os hispano-romanos, que habitavam anteriormente a Província. Primeiramente esses se oferecem, para defender os habitantes da região e ao

⁵ A obra de Orósio se encerra em 417 e por isso não nos fornece informações sobre o futuro de Máximo. O mesmo, depois de alguns anos recupera uma parte de seu poder em 420 e entra em confronto com as tropas de Honório. Com sua derrota é capturado e levado a corte em Ravena.

longo do tempo vão deixando suas armas e começam a se dedicar a atividades campesinas, como a agricultura.

Segundo Garcia Moreno e Juan Jose Abengochea (1986: 252) dos testemunhos de Idácio e Orósio podemos deduzir que depois desse assentamento dos *bárbaros* se produziu certa tranquilidade na Península Ibérica. Esperava-se que ao ser convertidos em campesinos, estes povos seriam assimilados pela população em um espaço de tempo relativamente curto, tal como havia ocorrido no século IV em numerosas regiões da Gália com o assentamento dos germanos como *laeti*.

De acordo com Moreno (1989: 44) o número de povos *bárbaros* que entrou em território hispano em 409 foi por volta de 200.000, sendo que aproximadamente 56.000 seriam combatentes. Ainda segundo Moreno em todo caso esse número não constituiria nem sequer 5 por 1000 do total da população já presente na Península, o que para esta época pode-se calcular uns cinco ou seis milhões de hispano-romanos.

Por sua vez E. A. Thompson (2002: 148) calcula que entraram na Península Ibérica por volta de 200.000 suevos e 300.000 vândalos, contando os asdingos e os silingos. Esse autor ainda especula que os alanos entraram em um número muito pequeno, apesar de terem ficado com a área mais extensa da Península Ibérica, e por isso foram facilmente eliminados por outros *bárbaros*.

Entretanto J. H. Liebeschuetz (2003: 64) afirma que as estimativas de Thompson são muito elevadas. Na visão desse autor o número de bárbaros não seria maior do que 200.000.

Apesar dessa discussão sobre a quantidade de *bárbaros* que ingressou na Península Ibérica entendemos que se é complicado falar desses números sem termos como base fontes escritas a nos apoiar e mesmo que tivéssemos ainda poderíamos duvidar, se não seria um exagero retórico do autor da mesma. Contudo acreditamos que essa população de *bárbaros* que adentrou na Península Ibérica, seria bem inferior do que uma população que já estava assentada há séculos na região.

Por fim, acreditamos que a partir desse momento em que estão assentados, e após a morte de Gerônimo, esses povos *bárbaros* vão buscar o reconhecimento do Poder Imperial romano sobre sua tutela nessa região. Em nossa visão esses povos estabelecidos na outrora *Diocesis Hispaniarum* almejam,

nesse momento, obter o *regnum*, ou seja, o reconhecimento de sua autoridade por parte daquele povo detentor do *Imperium*, os romanos.

Referências

Fontes

Colodrón, C. C. (2004). *O Cronicón de Hidácio*. O bispo de Chaves. Galiza: Editorial Toxosoutos.

Idacio, Obispo de Chaves. (1984). *Su Cronicon*. Salamanca: Ed. Casalancias, Introdução, texto crítico, versão espanhola e comentários por Julio Campos.

Mommsen, T. (1894). *Chronica Minora II*. Hydatii Lemici: Continuatio Chronicorum Hieronymianorum. Berlin.

Orósio, P. (1982). *Histórias*. Introducción, traducción y notas de Eustaquio Sánchez Salor. Madrid: Gredos.

Tranoy, A. (1974). *Hidace*. Chronique. Paris.

Bibliografia

Abengochea, J. J. S. & Moreno, L. A. G. (1986). *Romanismo y Germanismo el despertar de los pueblos góticos (Siglos IV-X)*. Barcelona: Editorial Labor.

Aguilera, A. B. (1992). *La Sociedad Visigótica y su Entorno Histórico*. Madrid: Siglo Veintiuno editores.

Arce, J. (1997). *El último siglo de la España romana*. 284-409. Madrid: Alianza Editorial.

Arce, J. (2003). The Enigmatic Fifth Century in Hispania: Some Historical Problems. In: Goetz, H-W; Jarnut, J; Pohl, W. (eds.). *Regna and Gentes: The Relationship Between Late Antique and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World*. Leiden; Boston: Brill.

Barceló, P & Ferrer, J. J. (2007). *Historia de la Hispania Romana*. Madrid: Alianza Editorial.

Collins, R. (2004). *La España Visigoda*. Barcelona: Crítica.

Escribano Paño, M. V. (1990). Usurpación y religión en el s. IV d. de C. Paganismo, cristianismo y legitimación política. *Antigüedad y cristianismo: Monografías históricas sobre la Antigüedad tardía*, 247-272.

Frighetto, R. (1997). Aquae Flaviae na Crónica de Hidácio. *Revista Aqua Flaviae*, Chaves, (18), 32-40.

Frighetto, R. (2012). *Antigüedad Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras Numa Época de Transformações*. Curitiba: Juruá.

Frighetto, R. (2000). *Cultura e Poder na Antigüedad Tardia*. Curitiba: Juruá.

Frighetto, R. (2006). Estruturas Sociais na Antigüedad Tardia Ocidental (Séculos IV/VIII). In: Silva, G. V. da; Mendes, N. M. (orgs.). *Repensando o Império Romano*. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural (pp. 223-240). Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES.

Frighetto, R. (2007). Monarquia e Poder Régio nos primórdios do Século V: os visigodos e a herança baixo-imperial romana. Santiago de Chile: Editorial Univesitaria.

Frighetto, R.. (2006). Política e poder na Antigüedad Tardia: uma abordagem possível. *História revista*, Goiânia, v. 11, n. 1, 161-177

Frighetto, R. (2010). Religião e política na Antigüedad Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV. *Dimensões*, vol. 25, 114-130.

Liebeschuetz, J. H. W. G. (2003). Gens in to *regnum*: the vandals. In: Goetz, H-W; Jarnut, J; Pohl, W. (eds.). *Regna and Gentes: The Relationship Between Late Antique and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World*. Leiden; Boston: Brill.

Martinez, P. C. D; Maza, C. M.; Huesma, F. J. S. (2008). *Hispania Tardoantigua y Visigoda*. Madrid: Istmo.

Moreno, L. A. G. (2005). *El Bajo Imperio Romano*. Madrid: Síntesis.

Moreno, L. A. G. (1989). *Historia de España Visigoda*. Madrid: Cátedra.

Orlandis, José. (1987). *Historia de España: La España Visigótica*. Madrid: Gredos.

Gazzotti, Danilo Medeiros.

A legitimação de Constantino III a partir do conflito contra vândalos, alanos e suevos na Diocésis Hispaniarum: os testemunhos de Orósio e Idácio
www.revistarodadafortuna.com

Pidal, R. M. (org.). (1955). *Historia de España*, tomo II, España Romana, Madrid: Espasa-Campe.

Pidal, R. M. (org.). (1955). *Historia de España*, tomo III, España Visigoda, Madrid: Espasa-Campe.

Quiroga, J. L. & Lovelle, M. R. (1995/1996). De los Vándalos a los Suevos en Galicia: Una visión crítica sobre su instalación y organización territorial en el noroeste de la Península Ibérica en el siglo V. *Studia historica. Historia antigua*, nº 13-14, 421-436.

Silva, L. R. & Diniz, R. de C. D. (2008). Relações de Poder na Crônica de Idácio e nas *Histórias* de Isidoro de Sevilha: um estudo comparado sobre suevos e visigodos. In: Lessa, F. S. (org.). *Poder e Trabalho: Experiências em História Comparada* (pp. 35-58). Rio de Janeiro: Mauad.

Thompson, E. A. (2002). *Romans and Barbarians: The Decline of the Western Empire* (Wisconsin Studies in Classics). University of Wisconsin Press.

Tovar, A & Blázquez, J. M. (1975). *Historia de la hispania romana*. Madrid: Alianza editorial.

Recebido: 07 de agosto de 2013

Aprovado: 08 de dezembro de 2013